

O livro dos tradutores

O livro dos tradutores

Akira Kageyama não foi o primeiro e tampouco o último a traduzir as grandes obras de Gastón de la Vega. Apesar da fama do escritor, apenas numa guerra de trincheiras seus livros puderam ganhar pouco a pouco terreno pelo mundo. O autor premiado por todas as instituições possíveis da literatura, havia, ainda hoje, cem anos após sua morte, recebido outro prêmio, pois só então a tradução para o italiano estava completa.

Pouco se sabia da origem do escritor. Os autoproclamados biógrafos se limitavam a esboçar mais possibilidades do que fatos. Contudo, todos estavam em comum acordo sobre pelo menos um dado. Gastón de la Vega era estrangeiro. Agora, de qual país? E então as discordâncias se seguiam.

Não se sabia sequer quantos livros havia escrito ou mesmo sua profissão, pois, claro, ser escritor, mesmo para o meio literário, não era um trabalho. Um grupo desconfiava que fosse um bibliotecário, outro, um viajante. Poderia muito bem ter sido um marinheiro, mas Akira Kageyama questionava essas especulações. Outra possibilidade o agradava mais, outra possibilidade o agradava mais, a de que o maior escritor do mundo fosse um tradutor.

Nada tinha que pudesse corroborar sua ideia, mas era sabido nas conversas com colegas da literatura que Vega era um grande conhecedor das línguas humanas — em muitos livros, inclusive as não-humanas. De modo que em vez de colocá-lo como espacialmente de origem estrangeira, ou de vida nômade, bastava crê-lo um viajante da linguagem. Um explorador de mundos e entre mundos.

Akira apenas recentemente havia aprendido uma segunda língua. Considerava-se atrasado em seu ramo, pois seu autor preferido já havia sido traduzido em setenta e uma línguas. A primeira obra que lera de Vega foi À sombra de espadas em mandarim, seu maior livro. Seus avós haviam passado a Segunda Guerra na China, de maneira que puderam lhe ensinar o chinês com esforço na infância, mas pôde se tornar leitor e tradutor somente na vida adulta avançada.

Era seu projeto pessoal na editora em que havia sido recém-contratado. A primeira tradução do mandarim para o japonês de uma obra de outra língua. O caso não era raro, mas tampouco era bem-visto. Sobretudo porque tradutores vão até as raízes, isto é, até as línguas originais do texto para nada se perder ou, ao menos, se perder pouco nesta transposição.

Os colegas de Akira traduziam um livro por mês, enquanto ele tomava dois para cada sucesso chinês que tinha de traduzir para, então, poder se focar em seu projeto. Seria o primeiro a traduzi-lo ao japonês. De alguma forma, se sentia como um embaixador de um novo governo; de uma nova Era. O maior escritor do mundo entraria em sua terra natal por suas palavras, seu toque.

Não demorou o tempo estimado pela diretoria da editora. Akira teve de pedir que a data final fosse estendida e assim o concederam. Neste dia, orgulhou-se, pois sentiu que entendiam a importância de Vega no mundo e agora seria a vez do Japão dar-lhe boas-vindas e, por fim, — o que era seu plano desde o início — ter o livro premiado incontáveis vezes com seu nome na folha de rosto como tradutor nas milhares de cópias vendidas. Seria seu legado para as futuras gerações.

Para tanto, Akira afiou-se ainda mais na língua chine-sa, assim como na própria para amolar suas palavras e seus sentidos ao máximo, desviando o mínimo do percurso que o artista havia pretendido. Com este fim em mente, pediu para que a editora lhe pagasse uma viagem à China e que estendessem a data final de sua entrega mais uma vez.

Shangai foi a imersão necessária para compreender aquela língua. Seu desenvolvimento era tão grande que a cultura e as informações a que tinha acesso substituiriam qualquer biblioteca japonesa. Ali procurou se banhar naquelas experiências tão ricas e ficou meses a fio melhorando seu chinês, além de traduzir paulatinamente a obra que o colocaria na história.

Não tardou, no entanto, para a editora ligar para ele e perguntar por que não estava mais entregando os materiais que deveria e tinham como prioridade. Akira tentou se desculpar e justificar o que estava fazendo ali. Mas, no fim, não estava falando com uma pessoa, mas uma empresa. Arriscou ainda argumentar da importância de seu trabalho e dos futuros prêmios que isso concederia à editora. Nada teve efeito. Seu prazo já havia expirado várias vezes. Se ainda tivesse feito o suficiente para manter o emprego, talvez considerariam, porém logo disseram que se quisesse tanto assim ver esse trabalho nas prateleiras das livrarias e bibliotecas que fizesse a tradução em uma semana e entregasse o que quer que tivesse conseguido. Ali, Akira desligou o telefone.

O tradutor não acreditava que o forçariam a fazer um trabalho sem dedicação completa, um trabalho apressado e o maior escritor do mundo seria apresentado sobre um burro — com seu nome nele.

Cortaram seu pagamento. Akira estava então perdido em terras desconhecidas, com um livro pela metade em suas mãos. Vagou meses a esmo naquela terra com sua missão em vista. Escrevia todos os dias e estudava nas horas vagas. Não soube dizer quanto tempo se passou desta forma. Em dado momento, havia chegado ao fim do livro. Mas muitos buracos haviam sido deixados para trás para que neste futuro, que agora alcançava, pudessem ser tapados.

Não percebeu que não falava mais o japonês. Traduzia de uma língua estrangeira para outra e já não tinha certeza se a língua final estava sendo feita corretamente. A balança se invertia. Precisava voltar ao Japão para equilibrar sua situação. Mas não tinha dinheiro. Foi então que conseguiu algo duplo. Encontrou um coreano que procurava um ajudante em sua livraria e foi trabalhar lá prontamente a fim juntar o suficiente para voltar.

Seu novo desvio não era simples, tampouco lhe rendia muito. Mas estava cercado por uma biblioteca particular e, naquele depósito de livros importados, pôde se dedicar um pouco a outras línguas em medidas pequenas. Ajudou muito seu local de trabalho se localizar perto do porto, onde também lhe ofereceu comunicação com um círculo de pessoas de todo o mundo.

A mente de Akira se abriu a tantas possibilidades que sua missão inicial foi também se afogando mais no mundo do possível. Realizar qualquer projeto lhe era um entretenimento tão inegável e ilusório que não ousava averiguar com as próprias mãos sua realidade.

No entanto, quando sua barba já o tornava irreconhecível, um homem da França veio falar com ele. A princípio indagou sobre seu desejo de traduzir o maior escritor do mundo para o japonês, sendo que vivia na China e trabalhava para um coreano. Entretanto, respondida a questão com tamanho entusiasmo, no próximo dia seu chefe lhe veio com um pacote do amigo europeu. Era a tradução francesa de Gaston de la Vega.

De imediato, o tradutor pôs-se a ler e a tirar dúvidas de expressões que já lhe eram confusas tanto em japonês quanto em chinês. Contudo, para sua surpresa, não reconheceu o livro. De fato, o título era À *sombra de espadas*, porém toda sua história era diferente daquela que já havia lido mais de cinquenta vezes.

Encontrou-se sem palavras. Para ele, aquele livro só poderia ser um engano. Não creu no que segurava com as próprias mãos. De maneira que, a fim de tirar mais provas desse equívoco gráfico ou editorial, pediu para outros marinheiros que o trouxesse versões de outras línguas para verificar o que desconfiava.

Os trabalhadores do mar ficaram felizes em ouvir e poderem participar de tão exótica tarefa. Não tardou e, dia após dia, um livro novo era depositado em frente à livraria. Todavia, com ela lotada, Akira decidiu trocar os livros que havia lá dentro pelos que recebia, esquecendo-se de que era um empregado ali e que a meta do estabelecimento era precisamente vender livros e não os colecionar.

De qualquer forma, o dono coreano levou aquilo com entusiasmo. Essa foi pelo menos sua primeira impressão do caso. Logo, metade de sua livraria se tornou uma mera livraria de um só autor. E, quando notou algo de estranho nas esparsas visitas que fazia ao seu estabelecimento, já era tarde demais. Akira havia construído uma biblioteca de um homem só; uma espécie de babel para um único escritor.

Ainda que seu montante de livros já somasse todas as traduções possíveis, em realidade, uma após outra entrega que recebia era uma negação da própria realidade que batia à sua porta. Vez por vez ele se defrontava com o fato de que cada versão que havia de *À sombra de espadas* era um livro completamente novo. Todavia, outra obra-prima. E este fato era outro combustível de sua incredulidade. Uma história cada vez mais fascinante que a outra. O que então, com efeito, traduzia?, se perguntava. Mas não tinha uma resposta.

Haviam-se passado anos até encontrar-se nessa situação sem saída. Mas foi então, para a sua surpresa, que se encontrou por acaso com seu editor a tirar férias na China com seu filho, que nunca havia conhecido. Ambos, sem assunto, apenas jogaram palavras fora, até que seu chefe coreano os interrompeu para lhe trazer outro exemplar. Neste momento, algo foi despertado dentro de seu ex-chefe e o que seria apenas um encontro levemente nostálgico e irrelevante se tornou em remorso, pois se lembrou do tanto de dinheiro investido num trabalho que arriscou o futuro de sua empresa e que apenas recentemente superou.

Uma discussão se iniciou. Ainda que as vozes se levantassem, ninguém reparou em nada. O tradutor procurou se desculpar, o editor, apenas culpá-lo. Mas bastou Akira lhe informá-lo que ainda estava trabalhando em seu projeto — apesar da incerteza de suas novas descobertas — ainda mais seu ex-patrão pelo absurdo, fazendo-o perder o controle.

Um movimento se deu. Ninguém de fato o viu. Não importa se foi um soco, um chute ou apenas um empurrão. O que foi importante a todos que estavam trabalhando ali, no

EDITORA

www.editorapenalux.com.br penaluxeditora@gmail.com

Livros iluminam

Este livro foi composto em Sabon LT Std pela Editora Penalux e impresso em papel pólen soft 80 g/m², em julho de 2022.